

O Emprego do Termo “Anarquia” em Bakunin

René Berthier

Texto originalmente publicado na revista Tierra y Libertad, n°271, fevereiro de 2011,

traduzido para português por Vitor Ahagon

O texto publicado por Tierra y Libertad em 2011 é uma versão curta de um estudo mais completo publicado em francês em monde-nouveau.net (<http://monde-nouveau.net/spip.php?article185>)

A palavra “anarquia”, criada um pouco como provocação por Proudhon, que havia estudado as línguas clássicas e tomado à termo no sentido etimológico, têm sido rechaçado mesmo no chamado movimento “anarquista”. Mikhail Bakunin se qualificava sobretudo de “socialista revolucionário” ou de “coletivista”, e muito raramente de “anarquista”. Em 1906, os teóricos anarquistas do movimento espanhol propõe renunciar ao vocabulário “anarquia”, que o público interpretava mal.

“Em todas as línguas, o sentido dado à palavra pelo uso é preponderante, e criar tal confusão é criar a anarquia no sentido tradicional do termo. Porque em conjunto, a opinião pública, ignorando a fantasia de Proudhon ou rechaçando submeter-se a ela, têm conservado um sentido negativo que lhe atribui a palavra anarquia, e desde 1840 os anarquistas tem-se debatido para fazer admitir o que esta não queria. E nos pomos esta situação por sabermos, empenhado em deformar o sentido de uma palavra contra a vontade geral, à margem do pensamento público”¹.

Piotr Kropotkin, em Palavras de um Revoltado, escreve que o partido de Bakunin “evitava, inclusive, dar-se o nome de anarquista. A palavra an-arquia (assim escrito até então) lhe parecia muito vinculada ao partido dos

1 Gaston Leval, El Estado en la Historia (Zero-ZYX, Bilbao 1978).

proudhonianos, que na Internacional combatiam até então pelas ideias de reformas econômicas”.

Na maioria dos casos a palavra “anarquia”, e seus derivados, demonstra que Bakunin a toma em seu sentido habitual de caos. Simplesmente, as situações de anarquia não são os tópicos de Bakunin. Em 1863, durante a insurreição polaca, pensa que é preciso “voltar contra o governo as armas que estes utilizam contra os polacos” e aproveitar a “anarquia” que provoca esta governo².

A anarquia é, portanto, uma situação de caos, de desordem política, um fato; e em nenhum momento uma doutrina política.

Em 1869 evoca os “fenômenos de anarquia” provocados pela sublevação de Pugachev e a invasão francesa de 1812³.

Em A ciência e a questão vital da revolução⁴, lemos que “a ausência de um governo engendra a anarquia e a anarquia conduz a destruição do Estado”; mas Bakunin salienta que a destruição do Estado pode levar ou “subjugação de um país por outro Estado” como ocorreu com a Polônia, ou “para a emancipação total de todos os trabalhadores e a abolição das classes, como esperamos que ocorra em toda a Europa”.

A anarquia aqui é um fato, não uma doutrina. É uma mudança na sociedade que pode levar a situações contrárias: opressão ou libertação, dependendo do uso que dela for feito. Mas, por outro lado, no mesmo texto, sugere que o crescimento das contradições de classe dentro do Estado, provoca “a desordem, a anarquia, o enfraquecimento da organização estatal, necessária para manter o poder sobre os despossuídos”. A anarquia é assimilada como desordem, mas entende-se bem que Bakunin está disposto a adaptá-la às consequências das “multiplicidades e diversidades dos interesses de classe”, se isso permitir ao povo emancipar-se.

A anarquia volta a ser um conceito negativo em O Império Knuto-Gernânico e da revolução social, enquanto Deus, “ordenador desse mundo”, produz de fato “a anarquia e o caos”.

² *Zemlja Volja* (Tierra y libertad), 9 de julio de 1863.

³ Perspectiva sobre a forma de entender a ação no passado e no presente, verão de 1869.

⁴ Março de 1870.

Em uma carta a Albert Richard⁵ evoca, “para salvar a revolução, para conduzi-la a um bom fim, mesmo em meio a esta anarquia”, a constituição de uma “ditadura coletiva, invisível, não revestida de um poder qualquer, senão o mais eficaz e forte: a ação natural de todos os revolucionários socialistas enérgicos e sinceros, disseminados pela superfície do país, de todos os países, mas fortemente unidos por um pensamento e uma vontade comum”.

A anarquia segue aqui sendo uma situação de caos, e que se trata de por fim a ela através de métodos pouco “anarquistas”, graças a intervenção de homens que não se qualificam de “anarquistas”, senão de “revolucionários socialistas”.

Em 1 de abril de 1870, ao reprovar Albert Richard por ser um centralista, um partidário do Estado revolucionário, Bakunin se declara partidário da “anarquia revolucionária, dirigida a todos os pontos por uma força coletiva invisível, a única ditadura que admito, porque somente esta é compatível com a fraqueza e a energia plena do movimento revolucionário”.

O revolucionário russo afirma que haja a necessidade de “produzir a anarquia”, ou seja, “a sublevação de todas as paixões locais” com o fim de que os “revolucionários socialistas” possam desempenhar o papel de “pilotos invisíveis no meio da tempestade popular” para direcioná-la.

Aqui, de novo, a “anarquia” é a realização de uma situação caótica das quais os revolucionários devem aproveitar. Não é, repetimos, uma doutrina política.

Recordamos que quando escreve essas palavras, França e Alemanha estavam em guerra, e Bakunin espera a sublevação revolucionária do povo francês.

As coisas mudam um pouco em carta à Nechayev. Somos, diz Bakunin, “os inimigos declarados de todo o poder oficial, mesmo se for um poder ultrarrevolucionário, de toda a ditadura reconhecida publicamente; somos anarquistas, socialistas revolucionários”⁶. Mas, pergunta Bakunin, “se somos anarquistas, você pode perguntar com que direito atuaremos na população e

⁵ 12 de março de 1870.

⁶ Carta de 2-9 de junho de 1870.

com que meios?” O “se” introduz, portanto, uma condição para a qualidade de “anarquista”.

No entanto, na mesma carta, se trata de homens que “se enfrentam, lutam e destroem uns aos outros. Em suma, uma anarquia espantosa, e sem saída”, mas em que, novamente, os revolucionários devem aproveitar “em meio dessa anarquia popular”, diz Bakunin “[é preciso que] uma organização secreta tenha espalhado seus membros por todo o império”, movidos por uma mesma ideia e um mesmo objetivo. Trata-se, portanto, de aproveitar o caos para provocar a guerra, de enviar por todo o país propagandistas encarregados de transformar esta guerra em uma revolução social.

Não mais existe, na França, “nenhuma administração e, portanto, nenhum vestígio de governo, durante o qual a população francesa, completamente abandonada, seria presa da anarquia mais espantosa”⁷. Bakunin faz uma analogia com a Revolução Francesa, quando a comissão despacha à província comissários extraordinários:

“Mas, normalmente, vinham sozinhos, sem um soldado para escoltá-los, e buscavam o apoio das massas cujos instintos seguiam sendo conforme os pensamentos da Convenção. Longe de restringir a liberdade dos movimentos populares, pelo medo da anarquia, a provocam de todas as maneiras possíveis; a primeira coisa que costumava fazer era formar um clube popular, onde quer que estivesse; sendo eles mesmos os revolucionários, logo eram reconhecidos pela massa como verdadeiros revolucionários e se aliavam com eles para buscar a revolução, a anarquia, e para meter o diabo no corpo das massas e organizar revolucionariamente esta anarquia popular. Esta organização revolucionária foi a única administração e a única força executiva das que se serviram os comissários extraordinários para revolucionar, para aterrorizar um país⁸.”

Os delegados do governo provisório constituído depois da queda de Napoleão III eram muito diferentes:

⁷ Carta a um francês, 27 de agosto de 1870.

⁸ *Ibidem*.

“Em vez de organizarem, por toda parte, o desencadeamento das paixões revolucionárias, a anarquia e o poder popular, pregaram ao proletariado, seguindo estritamente as instruções que haviam recebido e as recomendações enviadas de Paris, a moderação, a tranquilidade, a paciência e uma confiança cega nos desígnios generosos do governo provisório. ”

Em 1870, em plena guerra, Bakunin pensa que “o único que pode salvar a França, em meio aos terríveis e mortais perigos, interiores e exteriores, que o ameaçam atualmente, é o levantamento espontâneo, formidável, apaixonadamente enérgico, anárquico, destrutivo e selvagem das massas populares no território francês”.

Isso não impede, por outro lado, que Bakunin denuncie no mesmo texto “a anarquia econômica atual” de uma sociedade “que não tem piedade por aqueles que morrem de fome”.

Para estes, aos que, na situação catastrófica da França produzida pela derrota, não se podem salvar pelo “exagerado poder revolucionário do poder público”, Bakunin diz: “Venha! Salvaivos pela anarquia. Desencadeie essa anarquia popular tanto nos campos como nas cidades, engorde-a até que role como uma avalanche furiosa, devorando, destruindo tudo: os inimigos e os prussianos”. Em suma, Bakunin preconiza renovar o episódio do levante em massa de 1792, contra os exércitos reacionários: “Os camponeses fazem hoje contra os prussianos mesmo que fizeram em 1792. Falta somente que tenham o diabo no corpo que só a revolução anarquista poderá alcançar.”

“Se não se pode impor a revolução no campo, terá de produzi-la provocando o movimento revolucionário entre os próprios camponeses, empurrando- os a destruir com suas próprias mãos a ordem pública, todas as instituições olíticas e civis, e construir e organizar nos campos a anarquia”⁹.

9 Carta a um francês. Continuação III, 1870.

A este nível de exame da noção de “anarquia” em Bakunin, podemos compreender que se trata de uma situação de caos político e social resultante de uma grande comoção. Esta noção não é, como na linguagem “burguesa”, uma conotação absolutamente pejorativa. A “anarquia”¹⁰ não é algo que Bakunin pretende evitar em absoluto: é a simples constatação de uma situação que se inscreve em um dispositivo estratégico de que os revolucionários devem tirar proveito.

Em um texto destinado a juventude russa, Bakunin aborda uma dimensão positiva da “anarquia”. Distingue no movimento socialista três partes distintas, repartidas em duas categorias: “o partido dos socialistas moderados ou burgueses” e “o partido dos socialistas revolucionários”.

Este último se subdivide em duas partes: “os estatistas socialistas revolucionários” e “os anarquistas socialistas revolucionários”.

Em um texto redigido entre novembro de 1870 e abril de 1871, Bakunin especifica ainda mais:

“Rechacemos toda a legislação, toda a autoridade e toda a influência privilegiada, titulada, oficial e legal, mesmo que emanada do sufrágio universal, convencido de que ela só poderia existir em proveito de uma minoria dominante e exploradora, contra os interesses de uma imensa maioria subjugada. Eis o sentido no qual somos realmente anarquistas”.

Ao afirmar que este é “sentido no qual somos realmente anarquistas”, sentimos que se trata de uma denominação padrão.

Porque o termo retorna ao seu sentido usual de “caos”, de “desordem”, em um contexto que não é insurrecional: quando Bakunin se queixa da situação da seção de Turim, que não tem direção, que “oscila entre o vazio e o intrigante”, o revolucionário russo lamenta “que não há nada em Turim para por ordem a esta repugnante anarquia”¹¹. Não há ambiguidade no fato de que o termo está tomado aqui em sua acepção mais pejorativa.

¹⁰ A Aliança Universal da Democracia Social. Seção Russa. À juventude Russa.

¹¹ Carta a Celso Ceretti, destinatário (em russo), datada em 13 a 27 de março de 1872.

O conceito aparece numa acepção mais pejorativa em maio de 1872, em uma carta a Tomaz González Marago¹². Bakunin aborda o tema em um debate se opõe a Marx acerca da estratégia da Internacional. Defende a ideia da liberdade nos debates da organização e se opõe a que esta se dote de um programa único e obrigatório, intenção que atribui a Marx. Bakunin se baseia no fato de que as diferentes federações e seções da Internacional possuem níveis muito diferentes de elaboração teórica e é necessário ater-se ao que se assemelham – quer dizer, a reivindicação econômica – mais do que poderia dividir a organização:

“Os desafios a se formular uma doutrina explícita que pode reunir em baixo de sua bandeira milhões, ou melhor, apenas dezenas de milhares de trabalhadores. E a menos que se impugnem as crenças de uma seita às demais, se chegará a uma criação de uma multitude de seitas, ou seja, a organização de uma verdadeira anarquia no seio do proletariado em prol do maior triunfo das classes exploradoras”.

Assim, a “anarquia” no seio do proletariado faria o jogo das classes exploradoras...

Por isso, acrescenta Bakunin, “todas as doutrinas devem ter plena liberdade para existir – as teorias autoritárias de Marx do mesmo modo que nossas teorias anárquicas – sempre que nenhuma tenha a louca ou odiosa pretensão de impor-se como verdade oficial, nem ataque a essa solidariedade prática do proletariado dos diversos países na luta econômica”.

Temos assim a constatação do vai e vem da acepção da palavra, que cria, temos que dizer, certa confusão.

Existe uma referência teórica explícita a anarquia quando Bakunin recorda a teoria política de Proudhon, que “proclamava a anarquia” – referência exata, porque Proudhon escreve assim a palavra¹³. Se trata de uma reivindicação da forma devida do termo, pois Bakunin acrescenta que existem dois sistemas opostos, “o sistema anárquico de Proudhon, ampliado por nós [eu sublinho], desenvolvidos e liberados de todos os seus traços metafísicos,

¹² 21 de maio de 1872.

¹³ Irmãos da Aliança na Espanha, 12 a 13 de junho de 1872.

idealistas e doutrinários” e “o sistema de Marx, chefe da escola alemã dos comunistas autoritários”. Em outubro de 1872, Bakunin se considerava “anarquista revolucionário”¹⁴, e todavia em 1873, em Estatismo e Anarquia, se denomina “revolucionário anarquista”.

Nesta mesma obra traça as grandes linhas de sua obra e conclui: “tais são as convicções dos socialistas revolucionários, e por isso somos chamados de anarquistas”. A formulação não é inocente: “socialista revolucionário” é o nome que reivindica; “anarquista” é o modo que os outros o nomeia. Não obstante, Bakunin assume esta nomeação:

“Não protestamos contra este epíteto, porque somos, de fato, inimigos de toda autoridade, porque sabemos que esta exerce o mesmo efeito perverso tanto sobre os que estão investidos dela como sobre os que devem submeter-se a ela¹⁵.”

É possível que Bakunin comece a reclamar explicitamente o termo a partir do momento em que se exacerba o conflito entre os “antiautoritários” e o Conselho Geral. Este é o momento em que aborda a fundo o problema, o da abolição do Estado, quando os marxistas, a princípio, aderem, mas não de fato. “Sim, seu Estado é efetivamente um Estado popular, que razão haveria de suprimi-lo?”, pergunta. Por outro lado, se sua supressão é “necessária para a emancipação real do povo, como poderíamos qualificá-lo de Estado popular?” Os marxistas encontram-se então ante uma contradição insuperável:

“Polemizando com eles, fazemo-los reconhecer que a liberdade ou a anarquia é, nomeadamente, a organização livre das massas trabalhadoras de baixo para cima e é o objetivo final da evolução social, e que todo Estado, incluindo o Estado popular, é uma tirania, o que significa que, por um lado, engendra o despotismo, e por outro a escravidão”¹⁶.

¹⁴ Carta ao periódico *La liberté* de Bruxelas, 1 a 8 de outubro de 1872.

¹⁵ *Estatismo e Anarquia*, 1873.

¹⁶ *Ibidem*.

Temos, portanto, uma definição: a anarquia “é a organização livre das massas trabalhadoras de baixo para cima”.

Os marxistas afirmam que a ditadura é uma fase de transição necessária para se chegar à emancipação do povo, mas reconhecem a anarquia como seu objetivo final. “Então, para libertar as massas populares deve-se começar submetendo-as”.

“Como a teoria político-social dos socialistas antiautoritários ou anarquistas os leva a uma ruptura completa com todos os governos, com todas as formas de política burguesa, e não lhes deixa outra saída senão a revolução social, a teoria contrária, a dos comunistas autoritários e o autoritarismo científico, atrai e engole seus partidários sob o pretexto da tática, a compromissos incessantes com todos os governantes e diferentes partidos político burgueses, os empurrando diretamente ao campo da reação.”¹⁷

Contudo, uma carta a Carlo e Emílio Bellerio, datada de 1875, evoca alguns papéis que se perderam, “em um movimento um pouco anárquico”.

E sem dúvida, em seu último escrito, Sobre a Europa, diz:

“Que ninguém pense que desejo defender a causa da anarquia absoluta nos movimentos populares. Uma anarquia assim não seria senão a ausência de pensamento, de fins e de conduta comum, desembocando, forçosamente, numa impotência comum”¹⁸.

No fim de sua vida, Bakunin parece, portanto voltar à ideia de “anarquia” como caos político, para transformá-la em revolução social. Sendo que, entretanto, pode-se observar um fenômeno que tem evoluído. A constatação de que o Estado havia desenvolvido contra a classe trabalhadora meios enormes de repressão, algo que os trabalhadores não conseguiam fazer frente. O tempo das revoluções, pensa, se foi por muito tempo.

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ *Sobre a Europa, 1876.*

Por outro lado, podemos constatar que neste texto, escrito pouco antes de sua morte, “anarquia” segue com seu sentido de caos e não de doutrina política.

Este estudo não pretende ser exaustivo, entretanto demonstra que a palavra “anarquia” em Bakunin é empregada em seu sentido mais comum; e que amiúde é ambivalente, ou seja, que no mesmo texto pode ser utilizada com o sentido de “caos” ou de doutrina política. Mostra igualmente que quando Bakunin a reivindica como doutrina, há uma formulação restritiva que deixa entrever que a palavra está empregada no lugar de outra. Contatamos também que quando Bakunin nomeia a doutrina política que reivindica, utiliza, sobretudo, o termo socialista revolucionário ou de revolucionário socialista.

Por último, parece que a reivindicação explícita do termo como doutrina política está ligada – um pouco por provocação – ao agravamento do conflito de Bakunin com Marx na Internacional, conflito cujo ponto culminante ocorrerá durante as medidas burocráticas que conduzirão à sua expulsão, por parte de Marx e Engels, da Federação do Jura e de quase a totalidade do movimento operário da época.